



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

1

EU, EU E EU MESMO: ANTROPÓLOGOS, LITERATOS E HISTORIADORES ESCREVENDO SOBRE SI.¹

Wilton C. L. Silva

Professor Assistente Doutor, UNESP-Assis

wilton@assis.unesp.br

"Qualquer indivíduo é mais importante que toda a Via Láctea." (Nelson Rodrigues)

Jorge Luis Borges afirmou certa vez que no Corão não existiriam referências ao “camelo”, e explicava a ausência pela obviedade de sua presença na cultura árabe.

Com certeza tal relação entre objeto e representação, ou ainda, realidade e escrita não é universal, pois outros motivos devem explicar as razões para que o verbete “biografia” não exista em um conceituado dicionário de ciências sociais e esteja não só presente em um dicionário de história de igual valor, mas também relacionado com outro verbete, “prosopografia”².

Por outro lado, ambos têm verbetes sobre “memória” e “indivíduo”, sendo que no caso do Dicionário de Ciências Sociais encontra-se o refinamento dos termos, com verbetes específicos para “memória social” e “memória coletiva”, assim como “individualismo” e “relações entre indivíduo e sociedade”. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 1986; BURGUIÈRE, 1993)

¹ O presente trabalho recebeu apoio do CNPq, através da concessão de recursos para o Projeto de Pesquisa “Vida póstuma de um ilustre desconhecido: a construção biográfica de Clóvis Beviláqua (1859-1944)”.

² Segundo ANDREAU (1993, p. 625) a prosopografia “consiste em estabelecer notícias biográficas individuais e em confrontá-las. Diferentemente da biografia, ela nunca se aplica somente a um homem, considerado por si só interessante, mas a vários, a uma amostra cuja importância e a composição resultam da documentação disponível, e que se supõe representativa do grupo estudado.” FERREIRA (2002, p. 1-2) afirma que o enfoque prosopográfico é inspirado nas ciências sociais e que basicamente seu método “define um universo de pessoas a ser estudado e propõe um conjunto de questões sobre seu perfil e atuação, que incluem dados sobre nascimento e morte dos indivíduos, laços de casamento e parentesco, origens sociais e posição econômica herdada, local de residência, educação, montante das fortunas pessoais ou familiares, ocupação, religião, trajetória política, experiência profissional.”



2

Indicadores relevantes da legitimidade ou do prestígio da biografia no interior das fronteiras dessas disciplinas seriam o volume da produção do biografismo em relação à produção bibliográfica de cada área, a presença desse enfoque entre os autores que formam o seletivo grupo que constitui o cânone da área (nesse território que envolve tanto os clássicos quanto alguns contemporâneos), e, mais particularmente, a forma como a narrativa biográfica é utilizada na construção da memória interna de seus grupos.

Entendo por biografismo as manifestações narrativas que envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual a partir de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação através do romance histórico, das memórias pessoais (autobiografias e testemunhos), da literatura escolar e das biografias propriamente ditas.³

O biografismo, as práticas inseridas na escrita biográfica, já foi definido como a “história de uma só pessoa” e ainda recebe reticências e reservas de alguns historiadores e cientistas sociais, como se falar de indivíduos fosse calar sobre assuntos mais urgentes e grandes injustiças.⁴

No entanto, a biografia enquanto relato é o resultado de memórias (ou mesmo esquecimentos) coletivos, individuais e sociais, constantemente negociadas e processadas, com vínculos com mitos, saberes, fazeres e tradições que se corporificam a

³ VILLAS BOAS (2006, p. 21) cita a forma de classificação das biografias de Luis Viana Filho – as dividindo entre “simples relação cronológica de fatos relativos à alguém”, “trabalhos no quais, ao par duma (sic) vida, se estuda determinada época”, “trabalhos nos quais à descrição duma (sic) existência se conjugam apreciações críticas sobre a obra do biografado”; e “trabalhos em que a narração da vida constitui o objetivo primacial” – e a convenções e pressupostos “ocidentais” do gênero para Norman Denzin – “1) textos biográficos devem ser escritos tendo-se ‘outros’ textos biográficos em mente; 2) dar importância às influências de gênero e classe; 3) estabelecer origens familiares como ‘o ponto zero’ da história da pessoa em foco; 4) o autor deve interpretar a história da pessoa; 5) demarcar momentos da vida em questão a fim de atingirem uma ‘coerência’; e 6) pessoas são reais e possuem vidas reais que podem ser ‘mapeadas e significadas’.”

⁴ CHAUSSINAND-NOGARET (1993, p. 96) identifica as reservas ao biografismo pela sua suposta vinculação “mais sensível à cronologia do que às estruturas e aos grandes homens do que às massas”, e aponta as limitações desse preconceito afirmando o valor de diferentes abordagens do enfoque biográfico que permitiriam considerável ampliação de alcance analítico, como a prosopografia, a biografia coletiva, a micro-história ou ainda o refinamento da biografia de notáveis para além do culto ao herói, da comemoração estéril ou de um conjunto respeitoso de imagens. LEVILLAIN (1996) atribui o renascimento do interesse pela biografia a partir de certas mudanças conjunturais do final do século XX, a saber, crise de grandes modelos explicativos, o questionamento das ideologias, a valorização do individualismo e o descarte de uma completa inteligibilidade do real.



3

partir de relações particulares com o tempo e o espaço, que não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais.

Dentro desse universo as situações nas quais narrador e personagem são a mesma pessoa caracterizam a expressão literária da autobiografia, e que em relação a sua manifestação entre historiadores é chamada de ego-história, e entre antropólogos, de auto-etnografia, situação na qual a identidade autor-narrador rompe com as instâncias dicotômicas que, mesmo com ressalvas, caracterizam os gêneros ficcionais.

Segundo LEJEUNE (2008, p. 48) o pacto autobiográfico pressupõe essa confluência entre narrador e personagem, quando é construído um "relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, enfatizando sua vida individual e, em particular, a história de sua personalidade."

Se relatos nos quais autor e personagem são a mesma persona são uma recorrência estilística-literária⁵, a literatura confessional tem um longo passado, tanto como manifestação artística quanto como objeto de análise, e a inovação na teoria literária se dá pela transposição de elementos do estilo discursivo auto-reflexivo do objeto para a forma de análise, o que reforça a subjetividade da crítica e flexibiliza seus limites.

Exemplo desses exercícios de flexibilização de fronteiras na teoria literária podem ser colhidos em trabalhos como na coletânea de contos "Histórias mal contadas" ou no romance "O Falso Mentiroso" (2004), ambos de Silviano Santiago, nos quais, em diversos contos o autor ficcionaliza seus primeiros contatos com as sociedades francesas e norte-americanas, no romance a vida e a obra do personagem-narrador se confunde em alguns pontos com a vida de seu autor real, de forma proposital, como quando falando sobre seu nascimento o personagem afirma:

"Já que voltei a tocar nas circunstâncias do meu nascimento, adianto. Corre ainda uma quinta versão sobre elas. Teria nascido em Formiga, cidade do interior de Minas Gerais. No dia 29 de setembro de 1936. Filho legítimo de Sebastião Santiago e Noêmia Farnese Santiago. A versão é tão inverossímil,

⁵ A técnica narrativa na qual se fundem as identidades do narrador e do personagem em um discurso em primeira pessoa e com claro aspecto novelesco é conhecida como autodiegética, tendo na literatura brasileira alguns exemplos notáveis como "Memórias Póstumas de Brás Cubas" (1881) e "Dom Casmurro" (1899), de Machado de Assis, e "O Ateneu" (1888), de Raul Pompéia, entre outros.



que nunca quis explorá-la. Consistente só a data de nascimento. Cola-se à que foi declarada em cartório carioca pelo doutor Eucanaã e Donana. Diante de padrinhos e testemunhas. (SANTIAGO, 2004, p. 80).

Segundo KLINGER (2007, p. 36-37) além do próprio Silviano Santiago também a crítica literária de Denílson Lopes (Nós, os mortos, 1999, e O homem que amava rapazes e outros ensaios, 2002), assim como Francisco Foot Hartman (Trem Fantasma, 1998), Nicolau Sevcenko (Orfeuy extático na metrópole, 1998), Davi Arrigucci (Humildade, paixão e morte, 1992) Jomard Muniz de Brito (Atentados Poéticos, 2002) e Ítalo Moriconi (Ana Cristina César, sangue de uma poeta, 1996) seriam exemplos de ensaios que “fogem de uma cientificidade e da precisão metodológica”.

KLINGER (2007, p. 39) referencia o termo “ego-literatura” criado por Phillippe Forest, inserindo-a no campo da “escrita de si” que formaria uma constelação biográfica na qual se encontrariam memórias, diários, atobiografias e ficções sobre o eu.

VERSIANI (2005) aproxima o conceito de autobiografia ao de autoetnografia, discutido as particularidades desses últimos sobre os primeiros, tanto no que se refere tanto na leitura quanto na produção a partir de questões sobre os limites entre o relato vida, o testemunho, a autobiografia, a etnografia e o ensaio auto-reflexivo.

O neologismo AUTOETNOGRAFIA, segundo VERSIANI (2005, p. 97) a partir de textos de Reed-Danahay, Phillippe Lejeune, Alice Deck e Mary Louise Pratt, surgiria na antropologia como um desdobramento de discussões entre produção textual e subjetivação, nas quais a coletânea coletânea “Writing Culture: the poetics and politics of ethnography” (1986), organizada por Clifford e Marcus James, e os trabalhos de Michael Fischer sobre autobiografias étnicas são alguns exemplos significativos.

Por sua vez, no campo historiográfico o surgimento do livro “Ensaio de Ego-história”, organizado por Pierre Nora, com a participação de grandes historiadores franceses – Jacques Le Goff, Pierre Nora, Pierre Chaunu, Georges Duby, entre outros – marca a afirmação de uma opção metodológica para a exploração de memórias individuais dos autores na busca de cada um explicar a sua própria história e tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos escolhidos, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes lançou sobre os outros.

Na contracapa do livro explica-se:



“Que é ego-história? Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstracta, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse de outrem, tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a história que cada um fez e a história de que cada um é produto.” (CHAUNU, 1989)

Ao longo do século XX as particularidades metodológicas da Antropologia, com a imersão cultural e os necessários diários de campo, colocam de forma precoce a discussão sobre auto-reflexão e narrativa, o que não se explicita na Sociologia e na Ciência Política com suas pesadas heranças positivistas, e que somente se legitima na História posteriormente, como nas seguidas reavaliações sobre a legitimidade da biografia e discussões sobre “a escrita da história”, “ego-história” e temas afins, enquanto por sua vez na teoria da literatura a relação entre os processos de subjetivação e obra literária se faz sempre presente, desde da discussão sobre autoria até a afirmação crítica da dimensão sócio-cultural não só da obra mas de seu significado em diferentes contextos.

O volume da produção, pelos membros do cânone das diferentes áreas, de biografias também parece oferecer diferenças significativas, que refletem tanto dinâmicas internas e externas das disciplinas como conjunturas locais, e a análise dessas determinantes, embora necessária e legítima, transcende claramente os limites do presente texto.

Finalmente, a constatação da forma como a narrativa biográfica é utilizada na construção da memória interna de cada área⁶ nos obriga, inevitavelmente, a reconhecer

⁶ FOURNIER (2003) identifica a maior presença da biografia intelectual voltada à própria história das ciências sociais entre os anglo-saxões do que entre os franceses (o quer talvez seja um dos fatores que – por irradiação – explique a sua raridade entre os brasileiros também) que tendem somente a focar a história das idéias ou a releitura das obras. Em relação a biografia de Marcel Mauss que FOURNIER escreveu, esse lembra que apesar de ter sido aluno de Bourdieu e sempre ter em mente as referências às noções de “campo”, “posição social” e “habitus”, assim como os perigos da “ilusão biográfica”, buscou manter certos cuidados com o “reducionismo sociológico”: “Ex-aluno de Pierre Bourdieu, desenvolvi um programa de pesquisa nos campos da sociologia da ciência, da sociologia do sistema universitário e da sociologia dos intelectuais. *Marcel Mauss* abrange o que poderíamos denominar uma biografia coletiva,



6

o processo “hagiográfico” na construção da história da historiografia e das ciências sociais em geral, quando a idéia romântica do “gênio” sobrevive em diferentes orientações teóricas e metodológicas, ao mesmo tempo em que causam estranhamento, em pólos extremos, a ausência de “diários no sentido estreito do termo” e a dificuldade em se falar sobre si mesmo.

Os próprios fundamentos epistemológicos das três áreas, teoria literária, antropologia e história, situam o indivíduo e sua experiência particular de forma extremamente contrastante: para a teoria literária as características particulares de cada indivíduo enquanto autor se não explicam toda a sua obra são inevitavelmente determinantes em suas características; para a antropologia o relato etnográfico possui uma dupla dimensão, ao mesmo tempo que reflete uma experiência individual e única que se corporifica inclusive em do diário de campo, em sua manifestação discursiva está sujeita às determinações e configurações e normativas do discurso acadêmico-científico; e finalmente, para a história o ideal do relato objetivo determinado pela proeminência da fonte sobre o narrador torna a questão do vivido quase ilegítima.

Se algumas dessas premissas são discutidas e reavaliadas nas últimas décadas do século XX isso se deve a uma série de questões, desde um diálogo interdisciplinar no qual ocorre a afirmação da dimensão social da obra literária e de seus processos de produção, mediação, recepção e análise crítica, o reconhecimento do teor subjetivo e culturalmente determinado da narrativa etnográfica e dos processos de inclusão-exclusão que ela envolve, e, finalmente, o redimensionamento da categoria “indivíduo” pela sua dimensão social e portanto ao mesmo tempo particular e representativa.

pois inclui tanto uma apresentação dos membros da equipe de *L'année sociologique*, como um estudo das instituições de ensino superior – Escola Prática de Estudos Superiores, Collège de France – e ainda uma análise do desenvolvimento de disciplinas científicas (história das religiões, antropologia, sociologia). Descrevi Marcel Mauss como um típico intelectual de sua época, que concentra todas as características de seu grupo, por sua trajetória social e escolar e por seus *habitus* de pesquisador e de militante socialista. Mas será possível identificá-lo dessa maneira quando se pensa, de um lado, em sua juventude e, de outro, em sua maturidade?” (p. 6) Na construção da referida biografia FOURNIER identifica seus próprios méritos nas escolhas de método e estilo: se utiliza, mesmo reconhecendo dificuldades em identificar rupturas, da referência do ciclo da vida (infância, juventude, maturidade e velhice) para compor sua narrativa, e de uma teoria da ação que contempla o personagem como ser tanto racional como irracional, guiado por seus interesses e por suas paixões, dotado de certezas e indecisões, contrapondo ao que o personagem realizou aquilo que foi incapaz de realizar – em um contraste de “sucessos” e “fracassos” com o objetivo de humanizar o biografado, que na verdade é o objeto de um inquérito.



7

No entanto, no exercício de ego-história do historiador George Duby, intitulado “O prazer do historiador”, termina com uma confissão de desconforto do autor com o aspecto público dessa auto-reflexão e que resulta em uma exposição asséptica, com ênfase na trajetória pública e institucional, quase um curriculum vitae, mostrando uma dificuldade em se falar de si e uma forma de auto-preservação.

GUIMARÃES (2002), aludindo ao texto, diz que o historiador

“manifesta o seu desconforto em escrever a sua história, confrontando-se com o dilema de escrever em primeira ou terceira pessoa, tornar a narrativa pessoal ou impessoal, terminando por optar por escrever em primeira pessoa mas decidindo por manter o seu afastamento. No texto, são narradas várias fases de sua vida pública, pois o autor prefere não falar da sua afetividade nem de seus gostos e atividades culturais. A sua trajetória intelectual torna-se a sua ego-história. O historiador, por ofício acostumado a estudar a vida do sujeito em seus vários aspectos e conhecer as diferentes relações sociais que o cercam, opta por ocultar uma significativa parcela de sua vida, resumindo-a à sua trajetória intelectual. (...) O desconforto do autor se explica em parte pela sua própria opção em não se expor, em não tornar pública a sua vida privada, a sua afetividade e outras relações travadas no próprio âmbito público, mas que foram cuidadosamente protegidas.” (p. 2-3)

Roger Chartier (HERNANDEZ, 1999, p. 151) em entrevista na qual foi perguntado sobre os fatores pessoais que lhe aproximaram do estudo da história respondeu:

“No sé si me gusta contestar preguntas demasiado personales. En ello pesan dos razones: en primer lugar, temo lo que Bourdieu llama ‘la ilusion biografica’ que construye retrospectivamente una historia de vida coherente, lineal, justificada, olvidando as los azares que transforman la vida o, por el contrario, las determinaciones sociales o familiares que gobiernan las ‘elecciones’ aparentemente libres. En segundo lugar, pienso que los historiadores deben resistirse a la tentacion y las seducciones de la ‘ego-historia’. Somos artesanos, miembros de corporaciones o de la Republica de las Letras. Ni la una ni las otras separaron nunca a los individuos singulares del trabajo o del proyecto comun. Es una leccion que debemos entender.”



8

E em outra entrevista Chartier vai além, questionando metodologicamente a utilização da ego-história:

“Quando Pierre Nora inventou esse conceito de Ego-História, que conduz o historiador a se colocar como objeto do seu discurso, fez algo terrível porque todos os historiadores se precipitaram em contar suas vidas. De fato, a quem se permite fazê-lo? Aos astros do cinema. A grandes esportistas. Aos políticos. No entanto, todos os intelectuais ou todos os professores a quem se pediu para contar sua vida, ficaram contentes. Para eles, isso significava transformar seu status na sociedade. Mas seus textos são, salvo algumas exceções, absolutamente chatos. Como diz Bourdieu, por que pedimos aos historiadores para contar vidas em história? Fora existências como a de Jean-Pierre Vernant, herói da resistência francesa, os outros, os nossos, ordinários e banais, são insignificantes. Eles nos importam, mas não acho que mereçam ser contadas.” (DIAS, 2005, p. 267)

Curiosamente CHARTIER (1994) reconhece como positiva a introdução da questão do indivíduo na historiografia a partir da micro-história, vertente historiográfica que tem em Carlo Ginzburg e Giovanni Levi alguns de seus maiores expoentes:

“De um lado, sensíveis a novas abordagens antropológicas ou sociológicas, os historiadores quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. Daí resultaram vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares. A "micro-história", inicialmente italiana, hoje espanhola, foi a tradução mais viva dessa transformação da abordagem histórica baseada no recurso a modelos interacionistas ou etnometodológicos. Radicalmente diferente da monografia tradicional, a *microstoria* pretende construir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem. O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações



sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos.” (CHARTIER, 1994, p. 2)

Assim, embora possamos pensar as “ciências do homem” como um amplo território, que segundo VELHO (2006, p. 1) formam “um conjunto heterogêneo, desigual, com várias disciplinas, áreas temáticas, linhas de pesquisa, tradições teóricas, cujas fronteiras são, em geral, fluidas e pouco nítidas”, e nas quais as divisões entre antropologia, história, sociologia, política, economia, filosofia, lingüística, entre outras áreas do conhecimento, demonstram tanto diferenças, “dependendo da perspectiva e de interesses, muito significativas ou, pelo contrário, insuficientemente importantes para dificultar o cruzamento de saberes, compartilhamento de idéias e, sobretudo, debates e reflexões sobre objetos de investigação relevantes”.⁷

No entanto, o diálogo entre as chamadas “ciências do homem”, tanto no que se refere a memória quanto a outras searas, se produz aproximações, também produz afastamentos e tensões, sendo que os processos individuais de subjetivação nas práticas de constituição do campo a partir de diferentes orientações teóricas e perspectivas metodológicas são percebidas de forma muito mais problemática pela historiografia do que pela teoria antropológica e pela teoria literária.

É a partir dos pressupostos antropológicos da percepção das relações entre identidade e alteridade, em uma perspectiva relativista sobre o universal e o particular da condição humana, que se torna possível a percepção de um tempo múltiplo no qual a explicação causal única é percebida como arranjo cultural necessário, mas limitado, de reconciliação com um passado evocado como memória e que permite identificar as expressões narrativas, como as biografias e autobiografias como resultado da multiplicidade, fragmentação e sobreposição de temporalidades passíveis de análise comparativa.

⁷ VELHO (2006) estabelece um diálogo com alguns pontos do polêmico e famoso texto de C. Wright Mills, *A Imaginação Sociológica*, apontando para o desafio de se desenvolver nas ciências sociais reflexões que dêem conta das relações entre indivíduo-grupo-sociedade. No texto referido, em um capítulo intitulado “Usos da história”, MILLS (1969) vaticina: “A ciência social trata de problemas de biografia, de história e seus contatos dentro das estruturas sociais. São estes os três – biografia, história, sociedade – pontos coordenados do estudo adequado do homem, eis a tese que defendi ao criticar as várias escolas atuais de Sociologia, cujos adeptos abandonaram essa tradição clássica.” (p. 156)



10

É necessário, tanto em relação a uma concepção historiográfica quanto antropológica nas quais os temas da temporalidade, da vida cotidiana e das práticas culturais ocupam uma relativa centralidade, a absorção de referências mútuas capazes de contribuir para a reelaboração dos vínculos entre passado e presente.

Pensar em novos objetos ou em objetos tradicionais dentro de novas perspectivas e novos problemas exige a incorporação de métodos e instrumentos conceituais diferentes dos tradicionais, em uma dinâmica de diálogo interdisciplinar através do qual não ocorre o simples decalque, mas a tradução e a transcrição tanto teórica quanto empírica.

O desafio da tradução, na experiência antropológica, de uma diversidade de matrizes simbólicas em uma escrita linear com discursividade científica já inspirou diversas reflexões sobre o vivido e o narrado, que podem nortear uma abordagem crítica sobre a construção social da memória.

Entendemos que as fronteiras entre antropologia e história podem lançar luzes sobre o trabalho historiográfico, e particularmente na análise do biografismo, como as discussões sobre as dimensões sócio-culturais da narrativa, para que, talvez, as palavras de Nietzsche soem no futuro como se retratassem tempos longínquos: *“Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos, somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos.”*



BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”, In: *Estudos Históricos*, FGV, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, 1991, p.66-81.

ANDREAU, Jean. “Prosopografia”, In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro, 1993, p. 625-626.

BOAS, Sérgio Vilas. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. S. Paulo, UNESP, 2008.

BRUNER, Edward M. “Ethnography as Narrative”, In: TURNER, Victor W. BRUNER, Edward M. *The Anthropology of Experience*, Urbana: University of Illinois, 1986, p. 139-155.

BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro, 1993.

CHARTIER, Roger. “A HISTÓRIA HOJE: dúvidas, desafios, proposta”, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

CHAUNU, Pierre. *Ensaio de Ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989.

CHAUSSINAND-NOGARET, Guy. “Biografia”, In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro, 1993, p. 95-97.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Roger Chartier: entrevista In: CASTELO BRANCO, Edmar Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alves do e PINHEIRO, Áurea Paz. (Orgs.) *Histórias: cultura, sociedade, cidades*. Recife: BAGAÇO, 2005, p. .

FOURNIER, Marcel. “Para reescrever a biografia de Marcel Mauss...” , In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18 n. 52, junho/2003, p. 5-13.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

GUIMARÃES, Valéria Lima. “Em torno da biografia como um gênero histórico: apontamentos para uma reflexão epistemológica” In: *Anais Eletrônicos da X Encontro Regional de História - ANPUH-RJ*, 2002. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Comunicacoes/Guimaraes%20Valeria%20L.doc> visitado em 15/02/2009.

HERNANDEZ, Juan José Marin. Roger Chartier: entrevista, In: *Revista de Historia de América*, n. 125, Jul. - Dec., 1999, p. 151-160. Published by: Pan American Institute of



12

Geography and History Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/20140018> Accessed: 25/09/2009 09:07

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?”. *Le Débat*, n.54, mars-avril, 1989, p.48-53.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rosseaus a Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEVI, Geovanni. “Usos da biografia”, In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.167-182.

LEVI, Giovanni. "Les usages de la biographie", *Annales ESC*, 1989, p. 1325-1336.

LEVILLAIN, Phillippe. “Os protagonistas: da biografia”, In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 141-184.

LORIGA, Sabina. “Biographical and Historical Writing in the 19th and 20th Centuries”, *Transitions to Modernity Colloquium*. The MacMillan Center, Yale University, 18/02/2008. Disponível em <http://www.yale.edu/macmillan/transitionstomodernity/papers/SabinaLoriga.pdf> Visitado em 12/05/2009.

MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MOMIGLIANO, Arnaldo. “History and biography”. In: FINLEY, Moses. *The legacy of Greece*. Oxford: University of Oxford Press, 1984, p. 155-184.

OLIVEIRA, Nanci Vieira de. “História e Antropologia: encontros e desencontros”, In: RAGO, Margareth. GIMENES, Renato A. O. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH – UNICAMP, 2000, p. 253-264.

REVEL, Jacques. “História e Ciências Sociais: uma confrontação instável”, In: BOUSIER, Jean. JULIA, Dominique. *Passados Recompuestos: campos e canteiros da História*, Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1998, p. 79-90.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Volumes I, I e III. São Paulo: Papirus, 1994.



13

SILVA, Wilton C. L. “Entre a imortalidade e o esquecimento: Rui Barbosa como símbolo literário e jurídico”, In: *XXIV Simpósio Nacional de História - ANPUH: História e Multidisciplinariedade*, 2007, São Leopoldo - RS. Anais do 24o. Simpósio Nacional de História da ANPUH - CD-ROM. São Leopoldo - RS : UNISINOS, 2007b.

SILVA, Wilton C. L. “Memória cívica e memória intelectual: imortalidade e ocaso de Rui Barbosa”, In: *XXXI Encontro Anual da ANPOCS*, 2007, Caxambu - MG. Anais do XXXI Encontro da ANPOCS - online, 2007a.

THOMAS, Keith. “History and Anthropology”, In: *Past & Present*, vol. 24. n. 1, 1963, p. 3-24

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. “Ciências Sociais e biografia individual”, *Aula inaugural do curso de graduação em Ciências Sociais do CPDOC da Fundação Getulio Vargas*, em 6 de março de 2006. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/cursos/arq/AulaGilbertoVelho.pdf> . Visitado em 24/05/2008.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.